



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
BACHARELADO EM AGRONOMIA**

ROSEMEIRE SANTOS COSTA

**TAXONOMIA DE CONVULVULACEAE A. JUSS. NA REGIÃO DO PAJEÚ,
SEMIÁRIDO DE PERNAMBUCO, BRASIL**

**SERRA TALHADA-PE
2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
BACHARELADO EM AGRONOMIA

**TAXONOMIA DE CONVULVACEAE A. JUSS. NA REGIÃO DO PAJEÚ,
SEMIÁRIDO DE PERNAMBUCO, BRASIL**

ROSEMEIRE SANTOS COSTA

Relatório para equiparação da Monografia apresentado ao curso de Bacharelado em Agronomia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST), como requisito obrigatório para conclusão do curso.

Orientador: André Laurênio de Melo

SERRA TALHADA-PE
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C837t Costa, Rosemeire Santos
Taxonomia de Convolvulaceae A. Juss. na região do Pajeú, Semiárido de Pernambuco, Brasil / Rosemeire Santos
Costa. - 2019.
46 f. : il.
- Orientador: André Laurênio de Melo.
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em
Agronomia, Serra Talhada, 2019.
1. Caatinga . 2. Florestas serranas. 3. Ipomoea . 4. Diversidade . I. Melo, André Laurênio de, orient. II. Título

CDD 630

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Eneas Oliveira da Costa e Maria Heliana Oliveira Santos por me apoiar nessa caminhada, sempre acreditando que no final tudo iria dar certo; à minha avó/mãe Nata por ter me ensinado desde pequena a valorizar as pequenas coisas e amar as plantas, *in memoriam*.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que, com sua intensa bondade e amor incondicional, deu-me a determinação necessária para desenvolver esse trabalho, resiliência em momentos difíceis e o devido discernimento para a realização dos meus objetivos.

À minha família por ter apoiado, desde o início, a escolha da carreira que eu iria seguir, mesmo sabendo das dificuldades que eu passaria na minha formação acadêmica. Em especial à minha saudosa avó/mãe Nata, que com toda a sua simplicidade, soube dar os conselhos fundamentais para eu prosseguir essa longa caminhada.

Ao professor orientador Dr. André Laurênio de Melo que soube conciliar a figura docente à paterna, aconselhando, a cada atividade, a manter o otimismo e o foco e transformando situações difíceis em desafios que valiam a pena ser enfrentados. Sua confiança e cuidado estimulou o desenvolvimento desse trabalho, deixando um exemplo de pessoa e de profissional a ser seguido.

A todos os professores que lecionaram no decorrer do curso, transmitindo cada um, não só os conhecimentos técnicos, mas também suas experiências, impressões e orientações e contribuindo para a formação de profissionais apaixonados pela ciência.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada por ter oferecido as condições físicas necessárias a uma formação de excelência, figurando no árido sertão pernambucano como um espaço não só de ensino, pesquisa e extensão, mas de transformação de vida.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo estímulo, através de bolsas, necessário à dedicação às pesquisas e ao avanço da ciência. Apesar dos fortes ataques que tem sofrido, mantém sua missão de fomentar a produção e o desenvolvimento de conhecimentos científicos e tecnológicos.

À ilustradora Regina Carvalho por abrilhantar esse trabalho com seus desenhos precisos, facilitando a leitura e a interpretação de várias informações.

Ao Herbário do Semiárido do Brasil (HESBRA) por promover as condições técnicas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa.

Aos colegas do grupo por terem compartilhado seus conhecimentos, sua experiência e termos construídos novos saberes, tendo como base não só o amor à ciência como também o espírito de colaboração. Em especial a Juliana Gleice por dividir comigo os momentos de dificuldades, ansiedade e insegurança e termos conseguido superar tudo

isso com garra e bom humor.

À colega Samara por ter me introduzido no processo de reconhecimento das espécies no HESBRA, guiando meus passos e orientado as minhas ações de forma atenciosa, humilde e profissional.

À professora Dr. Maria Tereza Buril por ter contribuído com revisão de trabalhos científicos.

À turma de Agronomia 2015.1, em especial aos amigos Elania Freire, Edjane Lima, Rafael Alves, Bárbara Raquel, Bruna Kaliny e Michele Ferreira, por termos, no decorrer do curso, compartilhado conhecimentos, momentos de descontração, experiências acadêmicas, evoluindo não só como estudantes, mas como pessoas e futuros engenheiros agrônomos.

À Escola Família Agrícola de Jaboticaba por ter contribuído para minha formação de ensino médio profissional e ter despertado o amor pela agropecuária, aprendendo o valor da disciplina, da dedicação, do respeito e da ética.

A José Neto pela elaboração dos mapas da microrregião do Pajeú presentes neste trabalho.

A todos que me acompanharam nas coletas juntos, àqueles que lembraram de coletar as Convolvuláceas no momento em que eu não estava presente.

E por fim, mas não menos importante ao meu namorado Marcelo George por está ao meu lado a maior parte da graduação, sempre me apoiando, ajudando e dando os melhores conselhos. Obrigada por me ajudar a seguir em frente nas muitas vezes que pensei em desistir, essa conquista também é sua.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	12
2.1. Geral.....	12
2.2.Específicos	12
3. MATERIAL E MÉTODOS	13
3.1. Área de Estudo.....	13
3.2.Material botânico analisado	14
3.3. Identificação, descrição e ilustração das espécies.....	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
5. CONCLUSÃO.....	42
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01.** Localização da Microrregião do Pajeú e seus Municípios, Pernambuco, Brasil.....13
- Figura 02.** Espécies de *Ipomoea* (Convolvulaceae) ocorrentes na Região Pajeú, Pernambuco. A. Flor de *I. alba*; B. Fruto de *I. alba*; C. Flor de *I. asarifolia*; D. Flor de *I. bahiensis*; E. Fruto de *I. bahiensis*; F. Flor de *I. brasiliana*; G. Fruto de *I. brasiliana*; H. Ramo com fruto de *I. carnea*; I. Flor de *I. decipiens*. Fotos: A–I, R.S. Costa.....35
- Figura 03.** Espécies de *Ipomoea* (Convolvulaceae) ocorrentes na Região Pajeú, Pernambuco. A. Flor de *I. hederifolia*; B. Flor de *I. incarnata*; C. Flor de *I. indica*; D. Flor de *I. longeramosa*; E. Flor de *I. marcellia*; F. Flor e botões florais de *I. megapotamica*; G. Flor de *I. nil*; H. Fruto de *I. nil*; I. Flor de *I. piurensis*. Fotos: A-I, R.S. Costa.....36
- Figura 04.** Espécies de *Ipomoea* (Convolvulaceae) ocorrentes na Região Pajeú, Pernambuco. A. Flor de *I. parasitica*; B. Flor de *I. rosea*; C. Fruto de *I. rosea*; D. Flor de *I. tenera*; E. Fruto de *I. tenera*; F. Flor de *I. triloba*; G. Flor de *I. wrightii*; H. Flor de *M. aegyptia*; I. Flor de *O. macrocarpa*. Fotos: A-I, R.S. Costa.....37
- Figura 05.** a-e. *Ipomoea asarifolia* – a. ramo florífero; b. corola, vista frontal; c. cálice, vista lateral; d. fruto; e. semente. f-j *Ipomoea bahiensis* – f. ramo florífero; g. corola, vista frontal; h. cálice, vista lateral; i. fruto; j. semente. k-o *Ipomoea brasiliana* – k. ramo florífero; l. corola, vista frontal; m. cálice, vista lateral; n. fruto; o. semente. p-t *Ipomoea carnea* – p. ramo florífero; q. corola, vista frontal; r. cálice, vista lateral; s. fruto; t. semente.....38
- Figura 06.** a-e *Ipomoea hederifolia* – a. ramo florífero; b. corola, vista frontal; c. cálice, vista lateral; d. fruto; e. semente. f-j. *Ipomoea incarnata* – f. ramo florífero; g. corola, vista frontal; h. cálice, vista lateral; i. fruto; j. semente.. k-o *Ipomoea longeramosa* – k. ramo florífero; l. corola, vista frontal; m. cálice, vista lateral; n. fruto; o. semente. p-t *Ipomoea marcellia* – p. ramo florífero; q. corola, vista frontal; r. cálice, vista lateral; s. fruto; t. semente.....39
- Figura 07.** a-d. *Ipomoea megapotamica* – a. ramo florífero; b. cálice, vista lateral; c. fruto; d. semente. e-i *Ipomoea nil* – e. ramo florífero; f. corola, vista frontal; g. cálice, vista lateral; h. fruto; i. semente. j-n *Ipomoea piurensis* – j. ramo florífero; k. corola, vista frontal; l. cálice, vista lateral; m. fruto; n. semente.....40
- Figura 08.** a-e. *Ipomoea rosea* – a. ramo florífero; b. corola, vista frontal; c. cálice, vista lateral; d. fruto; e. semente. f-h *Ipomoea tenera* – f. ramo florífero; g. corola, vista frontal; h. cálice, vista lateral; i. fruto; j. semente. k-p *Ipomoea triloba* – k. ramo florífero; l. corola, vista frontal; m. folha trilobada; n. cálice, vista lateral; o. fruto; p. semente.....4

COSTA, Rosemeire Santos. Taxonomia de Convolvulaceae A. Juss. na região do Pajeú, Semiárido de Pernambuco, Brasil. 2019. 46p. Monografia (Graduação em Agronomia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Serra Talhada, Pernambuco, Brasil.*

RESUMO

Convolvulaceae inclui 58 gêneros e cerca de 1.880 espécies com distribuição cosmopolita, mas com maior diversidade nos trópicos. No Brasil é representada por 24 gêneros e 430 espécies. O Nordeste do país tem elevado número de espécies da família e grande carência de conhecimento sobre Convolvulaceae, apesar de que nos últimos anos, diversas novas espécies foram descritas, a maioria das quais endêmica. Estudos locais tem ajudado a reduzir essa lacuna porém, ainda assim pouco se sabe sobre a diversidade taxonômica e morfológica e a distribuição geográfica da família em algumas áreas, especialmente no semiárido. Desta forma, o presente estudo tem como objetivo realizar uma sinopse das espécies de Convolvulaceae na região do Pajeú, Pernambuco. A área de estudo está situada no domínio fitogeográfico da Caatinga e compreende 17 municípios. O estudo se baseou na coleta e observação de populações em campo e análise de coleções pertencentes ao Herbário do Semiárido do Brasil (HESBRA). Até o momento, foram reconhecidas 29 espécies distribuídas em seis gêneros, sendo *Ipomoea* o mais representativo com 19 espécies, seguido de *Jacquemontia*, com quatro, *Evolvulus* com três, *Merremia*, *Operculina* e *Turbina*, com uma espécie cada um. Os táxons registrados podem ser diferenciados, principalmente, através de características do hábito, tipo e forma das folhas e sépalas, dimensões e formato e cor da corola e presença/ausência de tricomas ou tipos. Todas as espécies são novos registros para área, uma vez que não existia estudos taxonômicos específicos para a família na região do Pajeú. A maioria das espécies foram encontradas em vegetação de caatinga, enquanto *I. alba*, *I. decipiens*, *I. indica* e *I. parasitica* apenas em florestas serranas. *Ipomoea alba*, *I. carnea* e *I. indica* são cultivadas na região como ornamentais. *Ipomoea bahiensis*, *I. brasiliana*, *I. rosea* e *Turbina cordata* ocorrem exclusivamente no Brasil e *I. decipiens*, *I. marcellia* e *I. tenera* são endêmicas do domínio Caatinga. *Ipomoea decipiens* é aqui também pela primeira vez registrada para Pernambuco. São aqui apresentadas chaves de identificação e comentários sobre distribuição geográfica, habitats, dados fenológicos e sobre caracteres distintivos das espécies. Os dados de endemismo e a nova ocorrência destacam a importância de preservação dos ambientes encontrados na região do Pajeú, especialmente, das florestas serranas, bem como reforçam a necessidade de novos estudos taxonômicos na área.

Palavras-chave: Caatinga, Florestas serranas, *Ipomoea*, Diversidade

*Comitê Orientador: Prof. Dr. André Laurênio de Melo– Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

COSTA, Rosemeire Santos. Taxonomy of Convolvulaceae A. Juss. in the Pajeú region, Semiarid of Pernambuco, Brazil. 2019. 46p. Monograph (Graduation in Agronomy) - Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Serra Talhada, Pernambuco, Brazil.*

ABSTRACT

Convolvulaceae includes 58 genera and about 1,880 species with cosmopolitan distribution, but with greater diversity in the tropics. In Brazil it is represented by 24 genera and 430 species. The Northeast of the country has a high number of family species and a great lack of knowledge about Convolvulaceae, although in recent years, several new species have been described, most of them endemic. Local studies have helped to narrow this gap, but little is known about the taxonomic and morphological diversity and geographic distribution of the family in some areas, especially in the semiarid. Thus, this study aims to perform a synopsis of the Convolvulaceae species in the Pajeú region, Pernambuco. The study area is located in the Caatinga phytogeographic domain and comprises 17 municipalities. The study was based on the collection and observation of field populations and analysis of collections belonging to the Semiarid Herbarium of Brazil (HESBRA). So far, 29 species have been recognized distributed in six genera, being *Ipomoea* the most representative with 19 species, followed by *Jacquemontia*, with four, *Evolvulus* with three, *Merremia*, *Operculina* and *Turbina*, with one species each. The recorded taxa can be differentiated mainly through characteristics of the habit, type and shape of leaves and sepals, dimensions and shape and color of the corolla and presence / absence of trichomes or types. All species are new records for area, as there were no family-specific taxonomic studies in the Pajeú region. Most species were found in caatinga vegetation, while *I. alba*, *I. decipiens*, *I. indica* and *I. parasitica* only in highland forests. *Ipomoea alba*, *I. carnea* and *I. indica* are grown in the region as ornamental. *Ipomoea bahiensis*, *I. brasiliiana*, *I. rosea* and *Turbina cordata* occur exclusively in Brazil and *I. decipiens*, *I. marcellia* and *I. tenera* are endemic to the Caatinga domain. *Ipomoea decipiens* is also here for the first time registered for Pernambuco. Identification keys and comments on geographic distribution, habitats, phenological data and distinctive character of the species are presented here. Endemism data and the new occurrence highlight the importance of preserving the environments found in the Pajeú region, especially the mountain forests, as well as reinforcing the need for further taxonomic studies in the area.

Keywords: Caatinga, Mountain forests, *Ipomoea*, Diversity

*Advisor Committee: Prof. Dr. André Laurênio de Melo - Federal University Rural of Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

1. INTRODUÇÃO

Convolvulaceae Juss. inclui 59 gêneros e cerca de 1.880 espécies e apresenta distribuição cosmopolita, sendo mais comum nos trópicos (STEVENS, 2017; STAPLES & BRUMMITT, 2007). A família, segundo APG IV, está subordinada à ordem Solanales juntamente com Hydroleaceae, Montineaceae, Solanaceae e Sphenocleaceae e é considerada monofilética com base em evidências morfológicas e moleculares (JUDD et al., 1999; STEFANOVIĆ et al., 2002, 2003).

No Brasil, são reconhecidos 24 gêneros, dos quais dois são endêmicos (*Daustinia* Buril & Simões e *Keraunea* Cheek & Sim.-Bianch.) e 430 espécies, sendo *Ipomoea* L. (149 spp.), *Evolvulus* L. (73 spp.) e *Jacquemontia* Choisy (66 spp.), os mais representativos (Flora do Brasil 2020 *in construção*, 2019). A família tem ocorrência em diferentes domínios fitogeográficos do país, destacando Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica como de maior riqueza, sendo encontradas frequentemente em áreas abertas e bordas de fragmento (SIMÃO-BIANCHINI & PIRANI 1997; SOUZA & LORENZI, 2005).

Os representantes de Convolvulaceae são ervas, arbustos, trepadeiras ou, raramente, holoparasitas (*Cuscuta* L.), com látex frequentemente presente, folhas simples ou, raramente, compostas, alternas, sem estípulas. As inflorescências são cimosas, as flores dialissépalas, gamopétalas, com corola campanulada, infundibuliforme ou hipocrateriforme, áreas mesopétalas proeminentes, estames cinco, epipétalos, ovário súpero bicarpelar e bilocular com um ou dois óvulos por lóculo, estilete terminal e placentação axial ou ereta. A cápsula pode ser deiscente ou indeiscente, glabra ou curto-tomentosa (AUSTIN, 2004; SIMÃO-BIANCHINI & PIRANI, 1997; SOUZA & LORENZI, 2005).

Diversas espécies de Convolvulaceae apresentam importância econômica e ecológica, em especial o gênero *Ipomoea*, inclui espécies alimentícias, ornamentais, tóxicas, invasoras de cultivos e fixadoras de dunas. A mais significativa economicamente é a batata-doce (*I. batatas* L.), mundialmente utilizada na alimentação humana por ter raízes ricas em amido (SIMÃO-BIANCHINI, 1998). Algumas espécies dos gêneros *Convolvulus*, *Dichondra*, *Evolvulus*, *Ipomoea* e *Jacquemontia* são utilizadas como ornamentais devido à coloração e à beleza das flores (SOUZA & LORENZI, 2005). Na agropecuária, às vezes tem importância negativa por, serem invasoras de cultivos (MOREIRA, 2011) e comprovadamente tóxicas para o gado, como *I. asarifolia* (Desr.)

Roem. & Schult e *I. carnea* Jacq. (CHAVES, 2009). Além disso, a família tem potencial apícola reconhecido para 35 espécies ocorrentes no Nordeste do Brasil (SAMPAIO, 2005) e ainda, plantas (*I. imperati* (Vahl) Griseb e *I. pes-caprae* (L.) R.Br.) fixadoras de dunas litorâneas (SOUZA & LORENZI, 2012).

O Nordeste é a terceira região com maior número de táxons da família com 51% das espécies conhecidas no país (222 spp.) (Flora do Brasil 2020 *in construção*, 2019), porém, Convolvulaceae ainda é pouco conhecida do ponto de vista taxonômico. Estudos recentes têm ampliado a quantidade de espécies que se conhecia para a região acrescentando novas ocorrências (BURIL & ALVES, 2011; BURIL et al., 2013; DELGADO-JÚNIOR et al., 2014; NEPUMOCENO et al., 2016).

Apesar desses estudos recentes, no Nordeste do país, ainda existe grande carência de informações sobre a família na região, o que pode ser evidenciado pelas novas espécies (*Evolvulus altissimus* Silva & Sim.-Bianch., *E. delicatus* Silva & Sim.-Bianch., *E. harleyi* Silva & Sim.-Bianch., *E. flavus* Bandeira, *Ipomoea ana-mariae* Vasconcelos & Sim.-Bianch., *I. serrana* Vasconcelos & Sim.-Bianch., *Jacquemontia aequisepala* Pastore & Sim.-Bianch., *J. chrysanthera* Buril, *J. diamantinensis* Buril, , *J. macrocalyx* Buril), e até por um novo gênero (*Keraunea* Cheek & Sim.-Bianch), recentemente descrito para Bahia. Alguns ambientes, principalmente no semiárido do país, representam hiatos no conhecimento de Convolvulaceae e não possuem levantamentos taxonômicos, e conseqüentemente, há ausência de dados morfológicos e de distribuição geográfica, sobre status de endemismo e de conservação das espécies. Embora tenha riqueza florística reconhecida (MMA, 2002), com ambientes de extrema diversidade biológica como as florestas serranas, a região do Pajeú no domínio Caatinga de Pernambuco, representa uma dessas áreas. Dessa forma, o presente estudo, se propõe a realizar uma sinopse das espécies de Convolvulaceae na região do Pajeú.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Realizar o levantamento das espécies de Convolvulaceae na região do Pajeú, semiárido de Pernambuco.

2.2 Específicos

- Incrementar a coleção herborizada de referência de Convolvulaceae ocorrentes na área de estudo;
- Elaborar chaves para identificação das espécies;
- Levantar e discutir dados ecológicos e de distribuição geográfica dos táxons.
- Ilustrar a morfologia das espécies;

3. MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo - A região do Pajeú, localiza-se no centro-norte de Pernambuco, localizada nas coordenadas centrais 6631459.83 m (N) e 9131782.76 m (E), abrange uma área total de 13.350,30 Km², a qual corresponde 14,04% do Sertão de Pernambuco, distante cerca de 395,85 km da capital do Estado (Recife). A área de estudo é composta por 17 municípios, que são: Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Iguaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama (VERSYPLE et al., 2015).

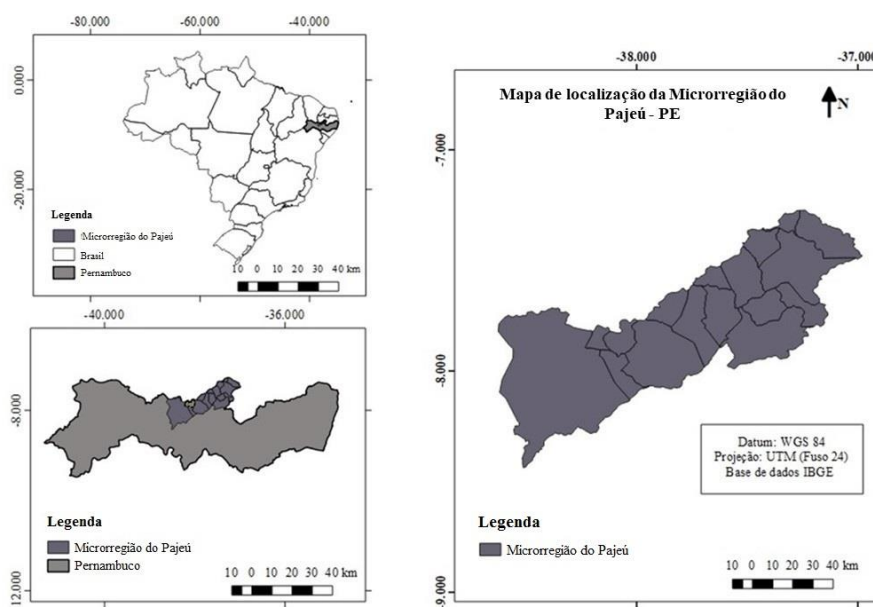


Figura 01 – Localização da Microrregião do Pajeú e seus Municípios, Pernambuco, Brasil.

O clima predominante na região é do tipo BSw'h (quente e seco), com estação chuvosa no verão e atrasada no outono, de acordo com a classificação de Köppen (1931). A temperatura média anual da região Pajeú é de aproximadamente 24°C, o município de Tabira apresenta a maior temperatura anual média 27,2°C e com menor é Triunfo com 21,0°C (VERSYPLE, et al. 2015). O relevo varia de suave ondulado a forte ondulado e a altitude de 200 a 1.200 m e as classes de solo predominantes no Pajeú são Neossolo Litólico Eutrófico (RLe) e Luvisolos Crômicos (TC) (JACOMINE, 1973).

A precipitação média anual é de 591,9 mm, com período chuvoso entre os meses de janeiro a maio, com municípios que expõem o maior e menor índice de precipitação

anual médio são Triunfo (1259.5 mm) e Calumbi (441.56 mm), respectivamente (ARAÚJO-FILHO, 2000; VERSYPLE et al., 2015). A vegetação predominante é de caatinga, mas, em algumas serras, ocorrem florestas serranas, também conhecidas como Brejos de Altitude (BRASIL, 1973; FERRAZ et al., 1998).

Material botânico analisado - O estudo baseia-se na análise de material botânico (exsicatas), pertencente ao acervo do Herbário do Semiárido do Brasil (HESBRA), da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST), e na observação e coleta de populações na área de estudo.

As coletas dos materiais foram realizadas mensalmente no período de março de 2019 até outubro de 2019 na região do Pajeú, procurando-se abranger diferentes ambientes existentes, tanto nas florestas serranas, quanto na caatinga. Durante as coletas, foi adotado o procedimento de Mori et al. (1989), usual em sistemática vegetal, que consiste na obtenção de indivíduos férteis, floridos e/ou frutificados, que foram coletados com auxílio de tesoura de poda e/ou podão e em seguida prensados entre papelões e placas de alumínio corrugado e desidratado em estufa de campo à gás.

Foram anotados em campo, dados do ambiente, tais como: tipo de vegetação, tipo de solo, etc., e características da planta que, porventura, pudessem ser perdidos no decorrer da desidratação, como por exemplo, cor da flor, látex, etc. O material coletado foi incorporado ao acervo do Herbário do Semiárido do Brasil (HESBRA).

Identificação, distribuição geográfica e ilustração das espécies - Todo o material é identificado utilizando-se bibliografia especializada (MEISSNER, 1869; SIMÃO-BIANCHINI, 1998; JUNQUEIRA & BIANCHINI, 2006; BURIL & ALVES, 2011; DELGADO-JÚNIOR et al., 2013; BURIL et al., 2013; NEPOMUCENO, et al. 2016) e com o auxílio de imagens de tipos, disponibilizadas na Internet (www.mobot.org; www.nybg.org, etc.) ou por solicitação aos herbários que dispõem deste serviço como o herbário de Berlim (B), Royal Botanic Garden-Kew (K), New York Botanical Garden (NY), por exemplo.

As informações de distribuição geográfica das espécies no mundo são encontradas em trabalhos da área como o de Austin & Huáman (1996), Buril et al. (2013) e Bianchini (1998). Já para o Brasil todos os dados são retirados na lista de espécies da Flora do Brasil 2020, em construção (www.floradobrasil.jbrj.gov.br). Na área de estudo, a distribuição das espécies é obtida nas etiquetas do material examinado e por observações em campo. Para as descrições, a nomenclatura utilizada para designar forma e tipo de indumento das estruturas seguiu Lawrence (1951), Radford (1974) e Simpson (2006).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas, 29 espécies e seis gêneros de Convolvulaceae na região do Pajeú, sendo *Ipomoea* o mais representativo com 19 espécies, seguido de *Jacquemontia* com quatro, *Evolvulus* com três, e *Merremia*, *Operculina* e *Turbina* com apenas uma espécie cada. A maioria das espécies foram encontradas em vegetação de caatinga, enquanto *I. alba*, *I. decipiens*, *I. indica* e *I. parasitica* exclusivamente em florestas serranas. *Ipomoea alba*, *I. carnea* e *I. indica* são cultivadas na região como ornamentais.

Como não existem levantamentos taxonômicos para a família na região do Pajeú, a maioria das espécies são novas ocorrências para a área de estudo, apenas o gênero *Ipomoea* havia sido mencionado por Ferraz et al., (1998), e *Evolvulus elegantes*, *E. Glomeratus*, *I. asarifolia*, *I. carnea*, *I. indica*, *I. rosea*, *Jacquemontia evolvuloides*, *J. nodiflora* e *Turbina cordata* por Melo et al., (2013). *Ipomoea bahiensis*, *I. brasiliana*, *I. rosea* e *Turbina cordata* encontradas apenas no Brasil, e *I. decipiens*, *I. marcellia* e *I. tenera* são também endêmicas da caatinga. *Ipomoea decipiens* é aqui pela primeira vez registrada para Pernambuco.

Os táxons registrados podem ser diferenciados, principalmente, através de características do hábito, tipo e forma das folhas e sépalas, dimensões e formato e cor da corola e presença/ausência de tricomas ou tipos.

Chave para identificação dos gêneros de Convolvulaceae ocorrentes na região Pajeú

1. Frutos indeiscente.....*Turbina cordata*
- 1'. Frutos deiscente.....2
2. Ramos com tricomas estrelados, 3–5–7 armados e/ou glandulares.....*Jacquemontia*
- 2'. Ramos glabros ou com tricomas simples.....3
3. Ervas eretas ou prostradas, flores pequenas com até 1 cm compr..... *Evolvulus*
- 3'. Trepadeiras ou subarbustos prostrados ou ereto; flores médias ou grandes, maiores que 1,5 cm compr.....4
4. Estames com anteras não retorcidas..... *Ipomoea*
- 4'. Estames com anteras retorcidas.....5

5. Ramos, pedúnculo e pedicelo hirsutos, dourados quando seco.....*Merremia aegyptia*
 5'. Ramos, pedúnculo e pedicelo glabros, alados.....*Operculina macrocarpa*

1. *Evolvulus* L., Species Plantarum 1 391. 1762.

Ervas ou pequenos arbustos, eretos ou prostrados; látex geralmente ausente. Folhas inteiras, lineares a orbiculares, sésseis ou pecioladas. Inflorescências axilares, terminais, pedunculadas ou sésseis, dicasiais, às vezes reduzidas a uma flor. Sépalas geralmente iguais entre si. Corola geralmente hipocrateriforme ou rotácea, azul ou branca, com tricomas distribuídos na região da mesopétala. Estames 5 geralmente exsertos, glabros, anteras eretas. Ovário globoso glabro, bicarpelar, bilocular, 2 óvulos por lóculo, 2 estiletos, livres ou parcialmente unidos, cada um com dois estigmas. Fruto cápsula, deiscente, sementes 4.

Chave para identificação das espécies de *Evolvulus* ocorrentes na região do Pajeú

1. Ramos denso vilosos, inflorescência terminal.....1.2 *E. glomeratus*
 1'. Ramos hirsutos Inflorescência axilar.....2
 2. Pedúnculo ausente, folhas oblongo-ovais, 0,5-1,9 x 0,8-2,8 cm.....1.3. *E. ovatus*
 2'. Pedúnculo com 2,5–4,5 cm compr., folhas estreito-elípticas à oblanceoladas, 0,9-1,9 x 0,2-0,40 cm.....1.1 *E. filipes*

1.1 *Evolvulus filipes* Mart., Flora 24(2): 100. 1841.

Espécie encontrada desde a América Central até o Paraguai (BURIL et al., 2013). No Brasil, o táxon tem ampla distribuição em todas as regiões, ocorrendo nos domínios Amazônico, Atlântico, Caatinga, e Cerrado (*Evolvulus in* Flora do Brasil 2020 em construção, 2019). Na área de estudo, é comum e tem ampla distribuição, sendo encontrada tanto em locais ensolarados, quanto sombreados, em solos argilosos ou sobre afloramentos rochosos, às vezes às margens de lagoas. Floração e frutificação entre os meses de março à junho.

Evolvulus filipes pode ser reconhecida pelo hábito ereto, folhas estreito-elípticas à oblanceoladas, cimeiras com pedúnculo longo (2,5–4,5 cm compr.), corola hipocrateriforme azul, rotada, discretamente lobada.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Parque Estadual Mata da Pimenteira, 15.IV.2014, fl. e fr., *S.S. Matos et al. 506* (HESBRA); Parque Estadual Mata da Pimenteira, 17.VII.2015, fl. e fr., *A. Laurênio 3762* (HESBRA); Serra Branca, 24.V.2011, fl. e fr., *I.F.A. Lima Neto 1* (HESBRA); Pimenteira, 15.IV.2014, fl. e fr., *S.S. Matos et al. 519* (HESBRA); Rio Pajeú, 20.III.2011, fl. e fr., *L. Rodrigues-Lima & A. Laurênio 71* (HESBRA); Estação experimental IPA, 17.VI.2011, fl. e fr., *M.F.S. Barbosa 1* (HESBRA).

1.2 *Evolvulus glomeratus* Nees & Mart., Nov. Act. Cur. 11 (1): 81. 1823.

Amplamente distribuída na América do Sul. No Brasil, ocorre em quase todos os estados, excluindo apenas Amapá e Tocantins. Tem distribuição em quase todos os domínios, com exceção do Pantanal (*Evolvulus in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

É vista apenas no período chuvoso, em áreas abertas, em solo argiloso e rico em pedregulhos. Foi coletado com flor e fruto no mês de junho.

Evolvulus glomeratus é reconhecida na área por ser a única espécie do gênero com inflorescência glomeruliforme terminal, e anteras sagitadas.

Material Examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, cerca de 200 m do Rio Pajeú, próximo ao assentamento Poço do Serrote, 27.VI.2011, fl. e fr., *L. Rodrigues Lima & A. Laurênio 9* (HESBRA); cerca de 200 m do Rio Pajeú, próximo ao assentamento Poço do Serrote, 27.VI.2011, fl. e fr., *L. Rodrigues Lima & A. Laurênio 33* (HESBRA).

1.3 *Evolvulus ovatus* Fernald. Proc. Amer. Acad. 89:33.1998.

Espécie com ampla distribuição geográfica, distribui-se de Honduras ao Brasil. Em território brasileiro, é encontrada nas regiões Norte (AM), Nordeste (AL, BA, CE, PB, PE, RN, SG), Centro-Oeste (GO), Sudeste (MG), onde é referido para os domínios Amazônico, Caatinga e Cerrado (*Evolvulus in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019). Foi observada apenas em torno de lagoa, em solo argiloso e com pedregulhos.

Evolvulus ovatus pode ser reconhecida por possuir hábito prostrado, pedúnculo ausente e folhas oblongo-ovais. Floresce e frutifica de abril a junho.

Material Examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Pimenteira, Lagoa Pimenteira III, 15.IV.2014, fl. e fr., *S.S. Matos et al. 508* (HESBRA), idem, VI.2011, fl. e fr., *T.G.C. 238* (HESBRA).

2. *Ipomoea* L., Sp. pl. 1: 159. 1753.

Trepadeiras ou subarbustos prostrados ou ereto. Ramos glabros a pubescentes, tricomas simples, raro aculeados. Folhas simples ou compostas, inteiras ou lobadas, margem inteira ou denteada, pecioladas, nectários por vezes presentes. Inflorescência geralmente axial, 1-muitas flores em dicásios, raro monocasial, bractéolas presentes ou ausentes. Corola infundibuliforme, raro hipocrateriforme, rósea ou lilás, raramente amarela, azul, branca ou vermelha, nervura mesopetala bem definida por duas veias distintas. Estames insertos ou raramente exsertos, anteras retas após antese. Ovário globoso, bilocular, 1–2 óvulos por lóculos, glabro, estilete inteiro, estigmas 2, globosos. Fruto cápsula geralmente globosa, deiscente. Sementes geralmente 4, glabras a velutinas.

Chave para identificação das espécies de *Ipomoea* ocorrentes na região do Pajeú

1. Folhas compostas.....2
 2. Lâmina foliar 3–foliolada; inflorescência dicásios até 5 flores; sépalas iguais entre si, com rostro subapical.....2.16 *I. rosea*
 - 2'. Lamina foliar 5–foliolada; inflorescência monocásio com até 2 flores.....3
 3. Pedúnculo delgado; sépalas desiguais entre si, com cristas na base2.17 *I. tenera*
 - 3'. Pedúnculo delgado e as vezes espiralado; sépalas desiguais entre si, sem cristas na base.....2.19 *I. wrightii*
- 1'. Folhas simples.....3
 4. Subarbustos prostrados ou arbustos eretos.....4
 5. Subarbustos prostrados; folhas reniformes a deltoides.....2.2 *I. asarifolia*
 - 5'. Arbustos eretos; folhas lanceoladas.....2.5 *I. carnea*
 - 4'. Trepadeiras.....5
 6. Folhas inteiras a levemente lobadas.....6

7. Sépalas externas com rostro subapical.....	7
8. Rostro subapical \leq 1 mm compr.; corola infundibuliforme, arroxeadada.....	2.3 <i>I. bahiensis</i>
8'. Rostro subapical 3–4 mm compr.; corola hipocrateriforme, vermelha.....	2.7 <i>I. hederifolia</i>
7'. Sépalas externas sem rostro subapical.....	8
9. Folhas glabras.....	9
10. Corola branca.....	10
11. Tricomas restrito às nervuras ausentes; corola hipocrateriforme com estames excluídos	2.1 <i>I. alba</i>
11'. Tricomas restrito às nervuras; corola infundibiliforme com estames inclusos	2.18 <i>I. triloba</i>
10'. Corola rósea.....	11
12. Ramos vináceos.....	2.6 <i>I. decipiens</i>
12'. Ramos verdes.....	12
13. Margem foliar inteira, às vezes com 1 a 5 dentes em cada lado; sépalas ovais rugosas; sementes lanuginosas.....	2.15 <i>I. piurensis</i>
13'. Margem foliar inteira; sépalas lanceoladas estriadas, glabras; sementes pubescentes.....	2.8 <i>I. incarnata</i>
9'. Folhas glabrescentes, tomentosas a vilosas em ambas as faces.....	13
14. Corola infundibiliforme, branca, com estames excluídos...2.11	<i>I. marcellia</i>
14'. Corola infundibiliforme, rósea a purpúrea com estames inclusos.....	14
14. Corola rósea.....	15
16. Dicásio com até 6 flores; corola 8–9 cm compr.....	2.4 <i>I. brasiliana</i>
16'. Dicásio com até 65 flores; corola 4–4,5 cm compr.....	2.12 <i>I. megapotamica</i>
15'. Corola purpúrea	
17. Corola purpúrea com fauce amarela; sépalas ovadas a rotundas, glabras	2.14 <i>I. parasitica</i>
17'. Corola purpúrea com fauce branca; sépalas lanceoladas, seríceas	2.9 <i>I. indica</i>
6'. Folhas 3–5 lobadas.....	17

18. Lâmina foliar 5-lobada; corola amarela com fauce
vináceo.....2.10 *I. longeramosa*
18'. Lâmina foliar 3-lobada; corola azul com fauce branca.....2.13 *I. nil*

2.1 *Ipomoea alba* L. L., Ep. Pl., 1:161. 1753

Tem distribuição nas Américas, desde os Estados Unidos até a Argentina (AUSTIN & HUÁMAN, 1996). No Brasil, encontra-se amplamente distribuída em todos os estados (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Encontrada em ambientes úmidos e à beira de riacho e é frequentemente utilizada como ornamental.

Ipomoea alba pode ser seguramente reconhecida pela corola hipocrateriforme, branca, com 6,5–14 cm compr., estames exclusivos e ramos glabros e verrucosos. Floresce e frutifica em novembro.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Triunfo, Próximo a cidade, 30.XI.2016, fl. e fr., R.S. Costa 7 (HESBRA).

2.2 *Ipomoea asarifolia* (Desr.) Roem. & Schult., Syst. Veg. 4: 251. 1819.

Encontrada em todas as Américas, desde o Panamá até o Paraguai (AUSTIN & HUÁMAN, 1996). No Brasil, está distribuída em toda a região Norte e Nordeste e nos Estados do Mato Grosso Rio de Janeiro, está presente nos domínios Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na área de estudo, é observada em locais abertos de bordas de florestas, principalmente antropizadas, em cultivos abandonados, atuando inclusive como invasora de cultivo e em beira de estrada.

Ipomoea asarifolia é facilmente identificada pelo hábito prostrado e lâmina foliar variando de reniformes a deltoides. Floresce praticamente o ano inteiro e frutifica entre maio e julho.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Fazenda Saco, 09.III.2012, fl., W. Cordeiro 366 (HESBRA); Fazenda Saco, 24.IV.2012, fl., W. Cordeiro 243 (HESBRA); topo da Serra Talhada, 02.VI.2016, fl., D.F. Magalhães 1 (HESBRA); Fazenda Saco, 09.IV.2017, fl., R.S. Costa 22 (HESBRA); topo da Serra Talhada, 25.IV.2017, fl., R. S. Costa 39 (HESBRA). Calumbi, Rio Pajeú, 17.XII.2011, fl., W.

Cordeiro140 (HESBRA). Serra Talhada, Fazenda Jazigo, 04.V.2012, fl., *W. Cordeiro 282* (HESBRA); Rio Pajeú, 05.III.2013, fl., *W. Cordeiro 454* (HESBRA). Carnaíba, Serra da Matinha, 28.III.2017, fl., *R. S. Costa 24* (HESBRA). Triunfo, Brejinho, 21.III.2018, fl. e fr., *R. S. Costa 54* (HESBRA).

2.3 *Ipomoea bahiensis* Willd. ex Roem. & Schult., Syst. Veg. 4: 789. 1819.

Endêmica do Brasil, ocorrendo na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Pode ser encontrada com frequência, beira e interior de matas, campos abertos e beira de estradas, até ambientes antropizados, inclusive em áreas cultivadas como invasora de cultivo.

Ipomoea bahiensis é facilmente reconhecida entre as espécies do gênero pelas folhas cordadas glabras e sépalas com rostro subapical. Floresce de fevereiro a agosto e frutifica em abril.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, topo da Serra Talhada, 02.VI.2016, fl., *F.C. Sabino 1* (HESBRA). Santa Cruz da Baixa Verde, Serra da Madeira, 08.VIII.2013, fl., *A.C.L. Araujo 1* (HESBRA). Triunfo, Mata do Brejinho, 04.II.2013, fl., *A. Laurênio 3113* (HESBRA). Santa Cruz da Baixa Verde, Sítio Santo Antônio, 18.IV.2017, fl., *R.S. Costa 26* (HESBRA); Serra da Madeira, 18.IV.2017, fl. e fr., *R.S. Costa 29* (HESBRA).

2.4 *Ipomoea brasiliana* (Choisy) Meisn.in Mart., Fl. bras. 7: 261. 1869.

Endêmica do Brasil, especificamente, em todo o Nordeste, mas também no Centro-Oeste (Distrito Federal) e Sudeste (Minas Gerais), ocorrendo apenas nos domínios Caatinga e Cerrado (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

É constantemente encontrada no interior dos fragmentos em áreas preservadas de floresta serrana e na caatinga, sobre afloramentos rochosos, solos humosos e pedregosos, em altitudes variadas.

Ipomoea brasiliana assemelha-se morfológicamente à *Turbina cordata*, que também ocorre na área estudo, mas esta possui corola glabra, sépalas orbiculares, glabras a glabrescentes e frutos deiscentes, enquanto *T. cordata* detém corola vilosa, sépalas

elípticas a estreitamente elípticas, tomentosas e frutos indeiscentes. Floresce de março a junho, frutifica de março a abril.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Serra Branca, 24.V.2011, fr., *M.S. Santos 1* (HESBRA); Fazenda Saco, 09.IV.2017, fl. e fr., *R.S. Costa 20* (HESBRA); Fazenda Saco, 11.IV.2017, fl. e fr., *R.S. Costa 17* (HESBRA); topo da Serra Talhada, 25.IV.2017, fl. e fr., *R.S. Costa 38* (HESBRA); Poço do Serrote, 20.III.2011, fl., *L. Rodrigues-Lima 62* (HESBRA); Varzinha a Caiçarina da Penha 18.III.2014, fl., *L. Marciel-Júnior 229* (HESBRA). Flores, Fatima, 27.III.2017, fl., *R.S. Costa 10* (HESBRA). Carnaíba, Serra da Matinha, 28.III.2017, fl., *R.S. Costa 25* (HESBRA). Santa Cruz da Baixa Verde, Serra da Madeira, 26.IV.2013, fl., *S.S. Matos 124* (HESBRA); Serra da Madeira, 18.III.2017, fl., *R.S. Costa 28* (HESBRA). Triunfo, Sítio Laje, 18.III.2017, fl. e fr., *R.S. Costa 30* (HESBRA); Caminho para a Cachoeira do Pinga, 21.III.2018, fr., *R.S. Costa 55* (HESBRA).

2.5 *Ipomoea carnea* subsp. *fistulosa* (Mart. ex Choisy) D.F.Austin, Taxon 26: 237.

1977.

Espécie distribuída nas Américas, ocorrendo na Bolívia, Brasil, Costa Rica, Equador, Nicarágua, Peru e Venezuela (AUSTIN & HUÁMAN, 1996), e na Ásia e Oceania (RHUI-CHENG & STAPLES, 1995). É encontrada em todos os estados do Brasil, sendo amplamente cultivada como ornamental. (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na região Pajeú, é rara, vista apenas em áreas antropizadas alagadas, próximo a margem de açude, em solo areno-humoso.

Ipomoea carnea é a única espécie do gênero a possuir o hábito arbustivo ereto, e ainda por apresentar nectário extrafloral no pedúnculo. Floresce em junho.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Pimenteira, 20.VI.2011, fl., *T.G.C. Menezes 257* (HESBRA); Fazenda Saco, 09.IV.2017, fl., *R.S. Costa 18* (HESBRA); Pimenteira, 19.IV.2017, fl., *R.S. Costa 36* (HESBRA).

2.6 *Ipomoea decipiens* Dammer., Bot. Jahrb. Syst., 23 (5 Beibl. 57): 40. 1897.

Ocorre apenas no Brasil, especificamente no Nordeste (Bahia) e Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro), sendo endêmica da Caatinga e da Mata Atlântica

(*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019). É o primeiro registro para o estado de Pernambuco.

Na área de Estudo, é exclusivamente encontrada nas florestas serranas, em áreas de afloramento rochosos ou sobre lajedo.

Ipomoea decipiens é reconhecida na área por ser a única espécie do gênero com ramos vináceos e possuir lâmina foliar glabra em ambas as faces, com tricomas restritos às nervuras na face inferior. Floresce de março a abril.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Santa Cruz da Baixa Verde, Sítio Santo Antônio, 18.IV.2017, fl., *R.S. Costa 27* (HESBRA); Cachoeira do Pinga, 21.III.2018, fl., *R.S. Costa 53* (HESBRA); Sítio Retiro, 21.III.2018, fl., *R.S. Costa 56* (HESBRA).

2.7 *Ipomoea hederifolia* L., Syst. Nat., ed. 10, 2: 925. 1759.

Encontrada nas Américas, desde os Estados Unidos até a Argentina (AUSTIN & HUÁMAN, 1996). No Brasil encontra-se em quase todo território, exceto nos estados (AC, AP e RS) (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na região Pajeú, é uma espécie rara, ocorre em áreas caatinga arbustivo-arbórea melhor preservadas, em altitude de 500 m, sobre solo argilo-arenoso.

Ipomoea hederifolia diferencia-se das outras espécies do gênero pela corola hipocrateriforme e vermelha e por possuir rostro subapical.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Pimenteira, 15.IV.2014, fl., *S.S. Matos 540* (HESBRA); fazenda Saco, Trilha dos Polinizadores, 09.VI.2017, fl. e fr., *R.S. Costa 46* (HESBRA).

2.8 *Ipomoea incarnata* Choisy, Prodr. Syst. Nat. Reg. Veg., 9: 360. 1845.

Distribuída nas Américas, na Colômbia, Equador, Peru, Venezuela e Brasil (AUSTIN & HUÁMAN, 1996). Em território nacional, ocorre apenas na regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe) e Sudeste (Minas Gerais), nos domínios Caatinga e Atlântico (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Observada principalmente em área com baixa atividade antrópica, crescendo vigorosamente sobre árvores e arbustos da caatinga, em solo argilo-arenosos.

Ipomoea incarnata pode se distinguir das demais espécies do gênero por apresentar sépalas lanceoladas com estrias claras.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Pimenteira, VI.2011, fl., *T.G.C. Menezes 246* (HESBRA); 17.VI.2011, fr., *G.C. Nascimento 4* (HESBRA); Pimenteira, 30.V.2012, fl., *D.R.M. Caldas 56* (HESBRA); Pimenteira, 27.VI.2012, fl., *W. Cordeiro 401* (HESBRA); Pimenteira, 09.VI.2016, fl., *L.F. Borges 1* (HESBRA); Pimenteira, 19.IV.2017, fl., *R.S. Costa 33* (HESBRA).

2.9 *Ipomoea indica* (Burm. f.) Merr., Interpr. Herb. Amboin. 445. 1917 [1917]

Vastamente distribuída nas Américas, dos Estados Unidos à Argentina (AUSTIN & HUÁMAN, 1996). No Brasil, tem distribuição todas as regiões, nos domínios Amazônico, Caatinga, Cerrado, Atlântico (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na região alvo deste estudo, foi encontrada terrenos baldios, em centro urbano como ornamental, em beira de estradas e como invasora em áreas de cultivo.

Ipomoea indica é facilmente diferenciada das demais espécie do gênero ocorrente na área, por ser a única a apresenta corola roxa e com sépalas lanceoladas seríceas. Floresce de março a junho.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Triunfo, Próximo A Mata Brejinho, 21.III.2018, fl., *R.S. Costa 58* (HESBRA); Casa das Almas, 30.VI.2018, fl., *R.S. Costa 52* (HESBRA).

2.10 *Ipomoea longerosa* Choisy, Prodr. Syst. Nat. Reg. Veg., 9: 384. 1845.

Ocorre apenas na Venezuela e Brasil (AUSTIN & HUÁMAN, 1996). Em território nacional, não é observada apenas na região Sul, presente nos domínios Caatinga e Cerrado (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na área de estudo, é encontrada em campos abertos próximos a corpos de água, em borda de fragmento e em áreas antropizadas.

Ipomoea longerosa pode ser identificada com facilidade por ser a única espécie da área de estudo a possuir lamina foliar 5-lobadas, corola amarela com fauce vinácea. Floresce entre abril e julho, frutifica em julho.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Fazenda Saco, 29.VI.2012, fl., *W. Cordeiro 416* (HESBRA); Parque Estadual Mata da Pimenteira, 15.IV.2014, fl., *S.S. Matos 503* (HESBRA); Parque Estadual Mata da Pimenteira, 19.IV.2017, fl., *R.S.*

Costa 34 (HESBRA); Fazenda Saco, 12.VII.2017, fl. e fr., *R.S. Costa 48* (HESBRA). Flores, Fátima, 27.III.2017, fl., *R.S. Costa 12* (HESBRA).

2.11 *Ipomoea marcellia* Meisn. in Mart., Fl. Bras.: 257. 1869.

É endêmica da Caatinga, encontrada exclusivamente na região Nordeste, na maioria dos estados, excluindo apenas Piauí e Maranhão (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na região Pajeú é ocasional, encontrada principalmente em trecho de floresta serrana e caatinga, em solos pedregosos ou sobre afloramentos rochosos e altitude de cerca de 1100 m.

Ipomoea marcellia é reconhecida pela corola infundibuliforme, branco-amarelada, vilosa e glabra apenas sobre a nervura mesopétala, e pelos estilete e estames exclusivos. Em geral, distingue-se ainda pelo pedúnculo bem desenvolvido de 14,4–36,8 cm compr. Floresce de junho a julho e frutifica em julho.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Triunfo, próximo ao SESC, 30.VI.2017, fl., A. Laurênio (HESBRA). Serra Talhada, Fazenda Saco, Trilha dos Polinizadores, 31.VII.2018, fl. e fr., *R.S. Costa 54* (HESBRA).

2.12 *Ipomoea megapotamica* Choisy, Prodr. 9: 375. 1845

Distribuída na Bolívia e no Brasil (AUSTIN & HUÁMAN, 1996). No Brasil está distribuída em todas as regiões, com maior expressão para a região Nordeste, encontrada nos domínios Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na área de estudo, é rara e pode ser encontrada em áreas de caatinga arbustiva melhor preservadas ou em galerias, crescendo vigorosamente sobre arbustos da caatinga, em solo argilo-arenosos, há 500 m de altitude.

Ipomoea megapotamica, diferencia-se das demais espécies do gênero por apresentar inflorescência dicásio com até 65 flores e corola rosa com 4-4,5 cm compr. Floresce entre março e junho.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Pimenteira, 20.VI.2011, fl., T.G.C. Menezes 264 (HESBRA); Pimenteira, 19.IV.2017, fl., *R.S. Costa 35* (HESBRA). Flores, Fatima, 27.III.2017, fl., *R.S. Costa 9* (HESBRA).

2.13 *Ipomoea nil* (L.) Roth., Catal. Bot., 1: 36. 1797.

Tem distribuição Pantropical (SIMÃO-BIANCHINI, 1998) e, no Brasil, é amplamente distribuída em todas as regiões, nos domínios Amazônico, Atlântico, Caatinga e Cerrado (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na região Pajeú, é abundante, ocorrendo principalmente em áreas degradadas, algumas vezes, como invasoras de culturas. Ocorre em solos argilosos e rochosos, em altitudes, geralmente, não acima de 600 m.

Ipomoea nil é facilmente reconhecida pelas sépalas lanceoladas a ovadas, com ápice caudado, e pela corola azul com fauce branca. Floresce em maio e junho, frutifica também em junho.

Material adicional examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Campus da UAST, 25.V.2009, fl., *A.M. Santos 1* (HESBRA); Campus da UAST, 21.V.2010, fl., *G.P. Silva 100* (HESBRA); Estação Experimental IPA, 17.VI.2011, fl., *E.A. Queiroz 7* (HESBRA); Fazenda Saco, 29.VI.2012, fl. e fr., *W. Cordeiro 412* (HESBRA); Parque Estadual Mata da Pimenteira, 09.VI.2016, fl., *L.L. R. Aquino 1* (HESBRA); Fazenda Saco, 09.IV.2017, fl., *R.S. Costa 19* (HESBRA); Fazenda Saco, 11.IV.2017, fl., *R.S. Costa 15* (HESBRA); topo da Serra Talhada, 25.IV.2017, fl., *R.S. Costa 37* (HESBRA). Flores, Fatima, 27.III.2017, fl., *R.S. Costa 14* (HESBRA).

2.14 *Ipomoea parasitica* (Kunth) G. Don., *A General History of the Dichlamydeous Plants* 4: 275. 1838.

Espécie registrada nas Américas, com predominância na América Central (AUSTIN & HUÁMAN, 1996). No Brasil, ocorre nas regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro- Oeste (Distrito Federal, Goiás) e Sudeste (Minas Gerais), em áreas de Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na microrregião do Pajeú é uma espécie rara, foi encontrada somente em áreas de Brejo, cultivada como ornamental.

Ipomoea parasitica ser facilmente reconhecida por ser a única espécie a possuir corola roxa com fauce amarela e ramos aculeados.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Triunfo, próximo ao engenho São Bento, 25.VII.2018, fl., *R. S. Costa 53* (HESBRA).

2.15 *Ipomoea piurensis* O'Donnell, Lilloa 26: 382-384, t. 13, f. 1. 1953.

Ocorre nas Américas Central e do Sul, no Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Venezuela (AUSTIN & HUAMAN, 1996). É encontrada no Norte e Nordeste do Brasil, domínios Amazônico, Atlântico e Caatinga (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na área de estudo é rara, ocorrendo apenas na margem de açude temporário, em solos argilo-arenosos.

Ipomoea piurensis diferencia-se das demais por apresentar corola relativamente pequena (até 1,4 cm de compr.), sépalas externas rugosas e glabras. Floresce entre abril e junho, foi observada com frutos em maio a junho.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Estação Experimental IPA, 17.VI.2011, fl., *C.S. Morais Júnior 1* (HESBRA); Parque Estadual Mata da Pimenteira, 30.V.2012, fl. e fr., *D.R.M. Caldas 62* (HESBRA); Pimenteira, 15.IV.2014, fl. *E.B. Sá 1* (HESBRA); Pimenteira, 09.VI.2016, fr., *T.F. Silva 2* (HESBRA); Pimenteira, 19.IV.2017, fl., *R.S. Costa 31* (HESBRA); Pimenteira, 25.IV.2017, fl., *R.S. Costa 40* (HESBRA).

2.16 *Ipomoea rosea* Choisy, Prodr. Syst. Nat. Reg. Veg., 9: 384. 1845.

Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no Nordeste em todos os estados, exceto no Maranhão, presente nos domínios Atlântico, Caatinga e Cerrado (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Está amplamente difundida na área de estudo, ocorrendo principalmente em caatinga arbustivas de solos arenosos e pedregosos, em altitudes de 500-800 m.

Ipomoea rosea é facilmente reconhecida, por ser a única espécie do gênero com folhas trifolioladas e sépalas com rostro subapical. Floresce entre março e julho, frutifica entre maio e julho.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Serra Branca, 30.III.2009, fl., *T.D.N. Silva 3* (HESBRA); Fazenda Saco, 09.IV.2011, fl., *W. Cordeiro 4* (HESBRA); Serra Branca, 24.V.2011, fl. e fr., *E.L.E. Barros 1* (HESBRA); Pimenteira, VI.2011, fl. e fr., *T.G.C. Menezes 218* (HESBRA); Serra Branca, 13.VII.2011, fl. e fr., *A. Laurênio 3227* (HESBRA); Serra Branca, 29.III.2012, fl., *L.R.B. Melo 1* (HESBRA); Serra Branca, 14.VI.2012, fl., *A. Laurênio 3500* (HESBRA); Serra Branca, 05.V.2014, fl., *A.C.L. Carvalho 7* (HESBRA); Serra Branca, 05.V.2014, fl., *B. Ferreira 1* (HESBRA); topo da

Serra Talhada, 02.VI.2016, fl., *D.F. Magalhães 2* (HESBRA); Fazenda Saco, 09.IV.2017, fl., *R.S. Costa 21* (HESBRA); Fazenda Saco, 11.IV.2017, fl., *R.S. Costa 16* (HESBRA); topo da Serra Talhada, 25.IV.2017, fl., *R.S. Costa 43* (HESBRA).

2.17 *Ipomoea tenera* Meisn., Fl. Bras., 7: 289. 1869.

Endêmica da Caatinga, encontrada exclusivamente nos estados da região Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte) (AUSTIN & HUAMAN, 1996; *Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na área de estudo, foi encontrada apenas associada a lagoa temporária, em solo areno-humoso, a cerca de 500 m altitude. Parece passar um tempo com parte subterrânea submersa logo após as chuvas e brota a medida que a lagoa vai secando, quando se reproduz.

Ipomoea tenera é facilmente identificada por ser a única espécie da área de estudo, a apresentar folhas 5-folioladas, inflorescência monocásio e sépalas com projeções carnosas. Floresce de março a maio e frutifica em maio.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Parque Estadual Mata da Pimenteira, 29.III.2012, fl., *K.K.M. Silva 1* (HESBRA); Pimenteira, 30.V.2012, fl., *D.R.M. Caldas 60* (HESBRA); Pimenteira, 30.V.2012, fr., *W. Cordeiro 361* (HESBRA); Pimenteira, 19.IV.2017, fl., *R.S. Costa 32* (HESBRA); Pimenteira, 25.IV.2017, fl., *R.S. Costa 41* (HESBRA).

2.18 *Ipomoea triloba* L., Sp. Pl. 1:161. 1753.

Ocorre nas Américas, do Estados Unidos ao Brasil e na Ásia (AUSTIN & HUÁMAN, 1996, RHUI-CHENG & STAPLES, 1995). No Brasil é amplamente distribuída ocorrendo em todos os estados e domínios. (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

É rara na região Pajeú, ocorrendo encontrada exclusivamente na margem de lagoas temporárias, em solos arenosos, a cerca de 500 m altitude.

Ipomoea triloba diferencia-se das demais espécies especialmente, por apresentar corola branca, folhas variando de cordata a trilobadas e sépalas ciliadas. Floresce em maio e junho, frutifica em junho e julho.

Material examinado: BRASIL. PERNAMBUCO: Serra Talhada, Parque Estadual Mata da Pimenteira, 19.V.2017, fl., *R.S. Costa 45* (HESBRA), Centro de Serra Tahada, 18.VI.2017, fl. e fr., *R.S. Costa 47* (HESBRA).

2.19 *Ipomoea wrightii* A. Gray., Syn. Fl. N. Amer. 2 (1): 213. 1878

Nas Américas, ocorre dos Estados Unidos a Argentina (AUSTIN & HUÁMAN, 1996). No Brasil tem ocorrência confirmada para o Norte (Tocantins), Nordeste (Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe), Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), nos domínios Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

É rara na região Pajeú, foi encontrada apenas na periferia da cidade de Serra Talhada, em vegetação degradada.

Ipomoea wrightii assemelha-se morfológicamente à *I. tenera*, com a qual compartilha, principalmente, as folhas 5-folioladas e inflorescências monocásio com até 2 flores. No entanto, pode ser diferenciada desta pelo pedúnculo delgado e espiralado, sépalas desiguais entre si, sem cristas na base. Floresce em janeiro e maio, frutifica em junho e julho.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, bairro AABB, 02.V.2019, fl., *A. Laurênio 3046* (HESBRA).

Material adicional: BRASIL. Bahia: Gavião, Fazenda Cachoeirinha, 05.I.2017, fl. e fr., *R. S. Costa 08* (HESBRA).

3. *Jacquemontia* Choisy., Mém. Soc. Phys. Genève 6: 476. 1834.

Trepadeiras herbáceas, raro lianas ervas ou subarbustos. Ramos com indumento variável, tricomas estrelados, 3–5–7 armados, simples e glandulares. Folhas inteiras, geralmente cordadas, glabrescente ou densamente pubérulas. Inflorescência do tipo cimeira com 1 a muitas flores, bractéolas presentes ou ausentes. Sépalas não acrescentes, iguais, subiguais ou desiguais, glabras a velutinas. Corola, inteira, infundibuliforme, lilás ou azul, raramente branca, glabra. Estames de tamanhos diferentes, anteras eretas. Ovário globoso, glabro, bilocular, 2 óvulos por lóculo; estilete 1, estigmas 2, ovais-planos ou cilíndricos. Fruto seco, geralmente globoso, deiscentes. Sementes glabras.

Chave para identificação das espécies de *Jacquemontia* ocorrentes na região do Pajeú

1. Inflorescência em monocásio, 1-3 flores2
 2. Folhas, sépalas lanceoladas e flores azuis.....1.*J. evolvuloides*
 - 2'. Folhas elípticas a ovais, sépalas arredondadas e flores brancas com fauce vináceo.....2.*J. gracillima*
- 1'. Inflorescência em dicásio, 3-8 flores.....3
 3. Pedúnculo primário 4-15 cm compr.....3. *J. nodiflora*
 - 3'. Pedúnculo primário 0,3-0,8 mm compr.....4. *J. tamnifolia*

3.1 *Jacquemontia evolvuloides* (Moric.) Meisn., in Mart. Fl. bras. 7: 307. 1869.

Amplamente distribuída nas Américas (AUSTIN, 1998), no Brasil é encontrada em todos os estados da região Nordeste e Centro-Oeste e nas regiões Norte e Sudeste, apenas em Rondônia, Tocantins e Minas Gerais. Comum em áreas de caatinga e cerrado (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção, 2019*).

Na região Pajeú tem ocorrência frequente, em áreas de vegetação degradada, perto de lagoas, em solo argiloso alaranjado.

Jacquemontia evolvuloides se distingue das demais espécies do gênero pelos tricomas glandulares, as sépalas lanceoladas e inflorescência em monocásios com 1-3 flores. Coletado com flores no mês de março a junho e frutifica no mesmo período.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Campus da UAST, 10.III.2010, fl. e fr., *G.P. Silva 90* (HESBRA), idem, Campos da UAST, 11.V.2010, fl., *G.P. Silva 67* (HESBRA); Estação Experimental IPA, 17.VI.2011, fr., *G.C. Nascimento I* (HESBRA); Pimenteira, 17.VI.2011, fl., *T.G.C. Menezes 220* (HESBRA); Estação Experimental IPA, 17.VI.2011, fl. e fr., *P.F. Freire 5* (HESBRA); Parque Estadual Mata da Pimenteira, 15. IV.2014, fl. e fr., *S.S. Matos 505* (HESBRA).

3. 2 *Jacquemontia gracillima* (Choisy) Hallier f., Bot. Jahrb. Syst. 16: 541. 1893.

Ocorre na Bolívia, Guyana, Panamá, Venezuela e Brasil (AUSTIN, 1998). No Brasil está presente nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste nos estados Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Rio de Janeiro), nos domínios fitogeográficos Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção, 2019*).

Na área de estudo está associada a vegetação rupícola, em áreas de solo compactado e afloramentos rochosos.

Jacquemontia gracillima é de fácil identificação dentre as espécies ocorrentes na região Pajeú, por apresentar folhas elípticas a ovais, sépalas arredondadas e flores brancas com fauce vináceo. Florence no mês de março.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Estrada de Varzinha a Caiçarina da Penha, 18.III.2014, fl., *L. Marciel-Júnior 241* (HESBRA).

3.3 *Jacquemontia nodiflora* (Desr.) G. Don., Gen. Hist. 4: 283. 1838.

Presente nas Américas, do México ao Brasil (BURIL et al., 2013). No Brasil, é registrada em todo os estados do Nordeste, com exceção do Maranhão, no Centro-Oeste (Goiás), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), não tendo ocorrência para as regiões Norte e Sul. Encontrada principalmente na Caatinga, além do Cerrado e Mata Atlântica (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na região estudada, é ocasional e está comumente associada à afloramentos rochosos em áreas de caatinga.

Jacquemontia nodiflora é facilmente diferenciada das demais espécies do gênero ocorrentes na área pelas sépalas subiguais rotundas e glabrescentes ou pubescentes na base e pedúnculo primário 0,3-0,8 mm compr. Floresce de junho a outubro.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Pimenteira, 22.IX.2009, fr., *A.A. Carvalho 1* (HESBRA); Pimenteira, VI.2011, fl., *T.G.C. Menezes 254* (HESBRA).

3.4 *Jacquemontia tamnifolia* (Linnaeus) Griseb. (1862: 474).

Amplamente distribuída nas Américas (AUSTIN, 1998). No Brasil é encontrada em todas as regiões em quase todos os estados, exceto em Goiás, nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Ocorrência frequente em área de caatinga arbustiva, solo argiloso-arenoso rico em pedras soltas e sobre afloramentos rochosos. Ocorrendo inclusive como invasora de cultivo.

Jacquemontia tamnifolia é reconhecida pelas inflorescência cimeiras capituliformes, multifloras, bractéolas em três séries e pedúnculo primário 4-15 cm compr. Coletada com flores de maio a agosto, frutos de no mês de junho.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Pimenteira, 26.V.2008, fl., *K.R. Miranda 6* (HESBRA); Estação Experimental IPA, 17.VI.2011, fl., *P.F. Freire 1* (HESBRA); Estação Experimental IPA, 17.VI.2011, fl. e fr., *P.F. Freire 9* (HESBRA); Estação Experimental IPA, 17.VI.2011, fl., *L.H.A. Santos 2* (HESBRA); Estação Experimental IPA, 17.VI.2011, fl., *L.H.A. Santos 6* (HESBRA); Pimenteira, 20.VI.2011, fl., *T.G.C. Menezes 217* (HESBRA); Estação Experimental IPA, 09.VII.2011, fl., *M. Magalhães 11* (HESBRA). Santa Cruz da Baixa Verde, Serra da Madeira, 25.VII.2013, fl., *G.N.A. Júnior 1* (HESBRA); Serra da Madeira, 08.VIII.2013, fl., *A.C.L. Araújo 2* (HESBRA).

4. *Merremia* Dennst. ex Endl., Gen. Pl. 18: 1403. 1841.

Trepadeiras lenhosas ou herbáceas, látex presente ou ausente. Ramos inermes, lisos, glabrescentes a pubescentes, tricomas simples. Folhas inteiras, lobadas ou digitadas com 3-7 folíolos. Inflorescência axilar, unifloras ou com poucas flores, bractéolas presentes. Sépalas iguais ou subiguais. Corola inteira, branca, raramente amarela ou rósea, glabra. Estames 5 de tamanhos diferentes, inclusos, anteras oblongas. Ovário glabro, globoso, bilocular, 2 óvulos por lóculos, glabro, estilete 1, estigmas 2-globosos. Fruto cápsula deiscente. Sementes 4 trigonais.

4.1 *Merremia aegyptia* (L.) Urb., Symb. Antill. 4: 505. 1910.

Amplamente distribuída nas Américas e, no Brasil, não é registrada apenas para região Sul. Encontrada nos domínios Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Foi encontrada em área de caatinga aberta, em borda de fragmento e em áreas degradadas. Ocorre inclusive como invasora de cultivo de interesse econômico.

Merremia aegyptia é facilmente diferenciada das demais espécies do gênero pelos ramos, folhas hirsutos e dourados quando seco e corola branca. Floresce de junho a agosto.

Material adicional examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Parque Estadual Mata da Pimenteira, campus UAST, 21.VI.2008, fl., *K.R. Miranda 3* (HESBRA); campus

UAST, 22.III.2010, fl., *G.P. Silva 49* (HESBRA); campus UAST, 21.V.2010, fl., *G.P. Silva 104* (HESBRA); Fazenda Saco, 24.IV.2012, fl., *W. Cordeiro 236* (HESBRA); idem, Fazenda Saco, 24.IV.2012, fl., *W. Cordeiro 246* (HESBRA). Parnamirim, Barragem do Fomento, 29.IV.2013, fl., *W. Cordeiro 589* (HESBRA). Santa Cruz da Baixa Verde, Serra da Madeira, 08.VIII.2013, fl., *K.M. Lima 2* (HESBRA). Serra Talhada, Parque Estadual Mata da Pimenteira, Topo da Serra Talhada, 02.VI.2016, fl., *R.C.F.S. Gomes 2* (HESBRA); Pimenteira, 09. VI.2016, fl., *B.M. Oliveira 1* (HESBRA).

5. *Operculina* Silva Manso, Enum. Subst. Braz. 16: 49. 1836.

Lianas ou trepadeiras herbáceas, com alas nos ramos, pecíolo e pedúnculo, látex geralmente presente. Folhas inteiras, lobadas ou digitadas com 3-7 folíolos. Inflorescências axilares, unifloras ou em cimeiras. Corola campanulada, geralmente branca ou amarela. Estames inclusos, anteras retorcidas na antese. Ovário glabro, bicarpelar, bilocular, estigma biglobosos. Fruto cápsula deiscente, com epicarpo operculado e endocarpo com 4-valvar. Sementes 4, trigonais, glabras ou pubescentes.

5.1 *Operculina macrocarpa* (L.) Urb., Symb. Antill. 3: 343. 1902.

No Brasil é citada para toda região Nordeste e Sudeste e nos estados do Amapá, Goiás e Mato Grosso, em áreas de caatinga, cerrado e mata atlântica (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na área de estudo, é encontrada ocasionalmente associada a área de caatingas preservada, em locais de solos argiloso alaranjado e afloramentos rochosos, com altitudes acima de 600 m.

Operculina macrocarpa é reconhecida por apresentar corola campanulada branca com anteras retorcidas, frutos globosos e a presença de alas nos ramos, pedúnculo e pedicelo.

Material examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Parque Estadual Mata da Pimenteira, 17.V.2019, fl., *R.S. Costa 59* (HESBRA).

6. *Turbina* Raf., Fl. Tellur. 4: 81. 1836 [1838].

Lianas, látex presente. Ramo tomentoso. Folhas inteiras, cordadas. Inflorescências axilares, unifloras ou com poucas flores. Sépalas oblongas, subiguais, seríceas. Corola

infundibuliforme rósea, pubescente. Estames geralmente glabros na base, anteras retas. Ovário glabro, 2-carpelar, 2-locular, 4-ovulado, estilete 1, lobos estigmático 2-globosos. Fruto indeiscente com pericarpo coriáceo; semente geralmente 1, pubescente.

6.1 *Turbina cordata* (Choisy) D.F.Austin & Staples, J. Arnold Arbor. 64: 488. 1983.

Endêmica do Brasil, ocorrendo em todas as regiões, excluindo apenas os estados (Acre, Amazonas, Roraima, Maranhão, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), sendo citada para áreas de caatinga, cerrado e mata atlântica (*Ipomoea in Flora do Brasil 2020 em construção*, 2019).

Na região Pajeú, é rara e encontrada em caatingas preservada, em solos arenosos e afloramentos rochosos.

Turbina cordata é confundida com a *Ipomoea brasiliana*, mas se diferencia a partir da corola vilosa, sépalas elípticas a estreitamente elípticas, tomentosas e frutos indeiscentes. Floresce de abril a junho.

Material adicional examinado: BRASIL. Pernambuco: Serra Talhada, Parque Estadual Mata da Pimenteira, Lagoa da Pimenteira II, 30.IV.2012, fl., W. Cordeiro 323 (HESBRA); Topo da Serra Talhada, 02.VI.2016, fl., F.C. Sabino 3 (HESBRA)



Figura 02. Espécies de *Ipomoea* (Convolvulaceae) ocorrentes na Região Pajeú, Pernambuco. A. Flor de *I. alba*; B. Fruto de *I. alba*; C. Flor de *I. asarifolia*; D. Flor de *I. bahiensis*; E. Fruto de *I. bahiensis*; F. Flor de *I. brasiliana*; G. Fruto de *I. brasiliana*; H. Ramo com fruto de *I. carnea*; I. Flor de *I. decipiens*. Fotos: A–I, R.S. Costa.

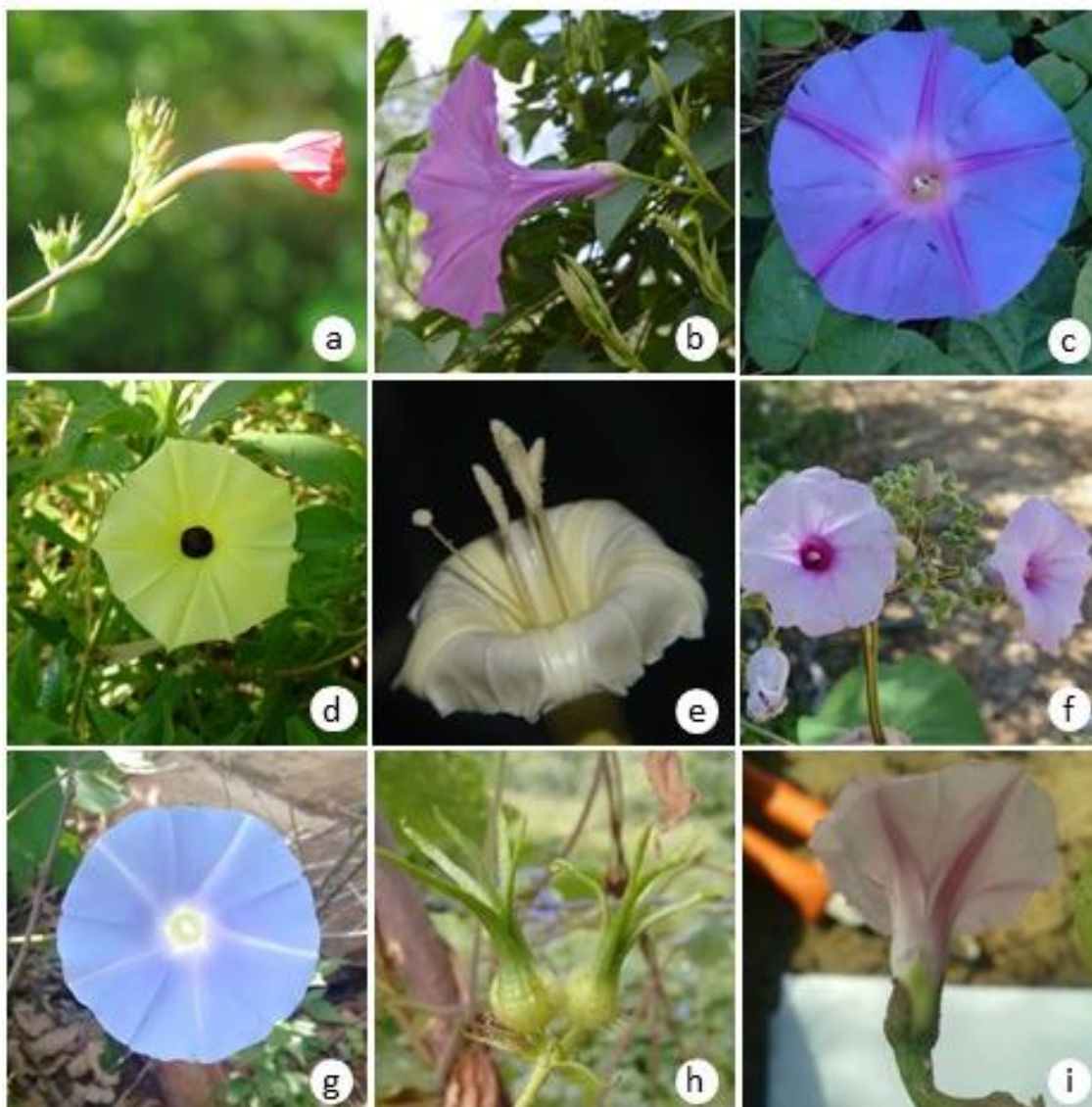


Figura 03. Espécies de *Ipomoea* (Convolvulaceae) ocorrentes na Região Pajeú, Pernambuco. A. Flor de *I. hederifolia*; B. Flor de *I. incarnata*; C. Flor de *I. indica*; D. Flor de *I. longiramosa*; E. Flor de *I. marcellia*; F. Flor e botões florais de *I. megapotamica*; G. Flor de *I. nil*; H. Fruto de *I. nil*; I. Flor de *I. piurensis*. Fotos: A-I, R.S. Costa.

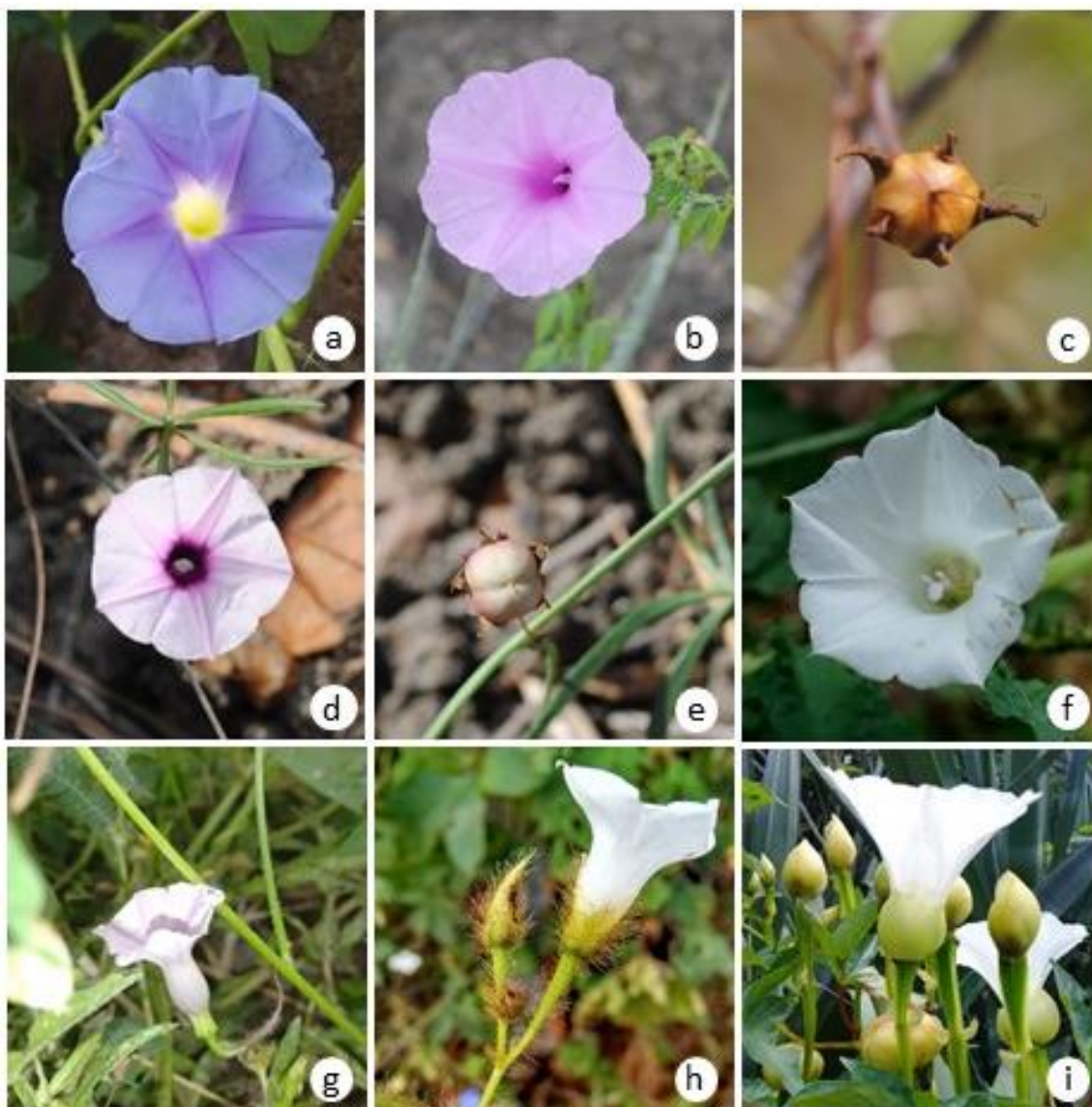


Figura 04. Espécies de *Ipomoea* (Convolvulaceae) ocorrentes na Região Pajeú, Pernambuco. A. Flor de *I. parasitica*; B. Flor de *I. rosea*; C. Fruto de *I. rosea*; D. Flor de *I. tenera*; E. Fruto de *I. tenera*; F. Flor de *I. triloba*; G. Flor de *I. wrightii*; H. Flor de *M. aegyptia*; I. Flor de *O. macrocarpa*. Fotos: A-I, R.S. Costa.



Figura 05. a-e. *Ipomoea asarifolia* – a. ramo florífero; b. corola, vista frontal; c. cálice, vista lateral; d. fruto; e. semente. f-j *Ipomoea bahiensis* – f. ramo florífero; g. corola, vista frontal; h. cálice, vista lateral; i. fruto; j. semente. k-o *Ipomoea brasiliiana* – k. ramo florífero; l. corola, vista frontal; m. cálice, vista lateral; n. fruto; o. semente. p-t *Ipomoea carnea* – p. ramo florífero; q. corola, vista frontal; r. cálice, vista lateral; s. fruto; t. semente.

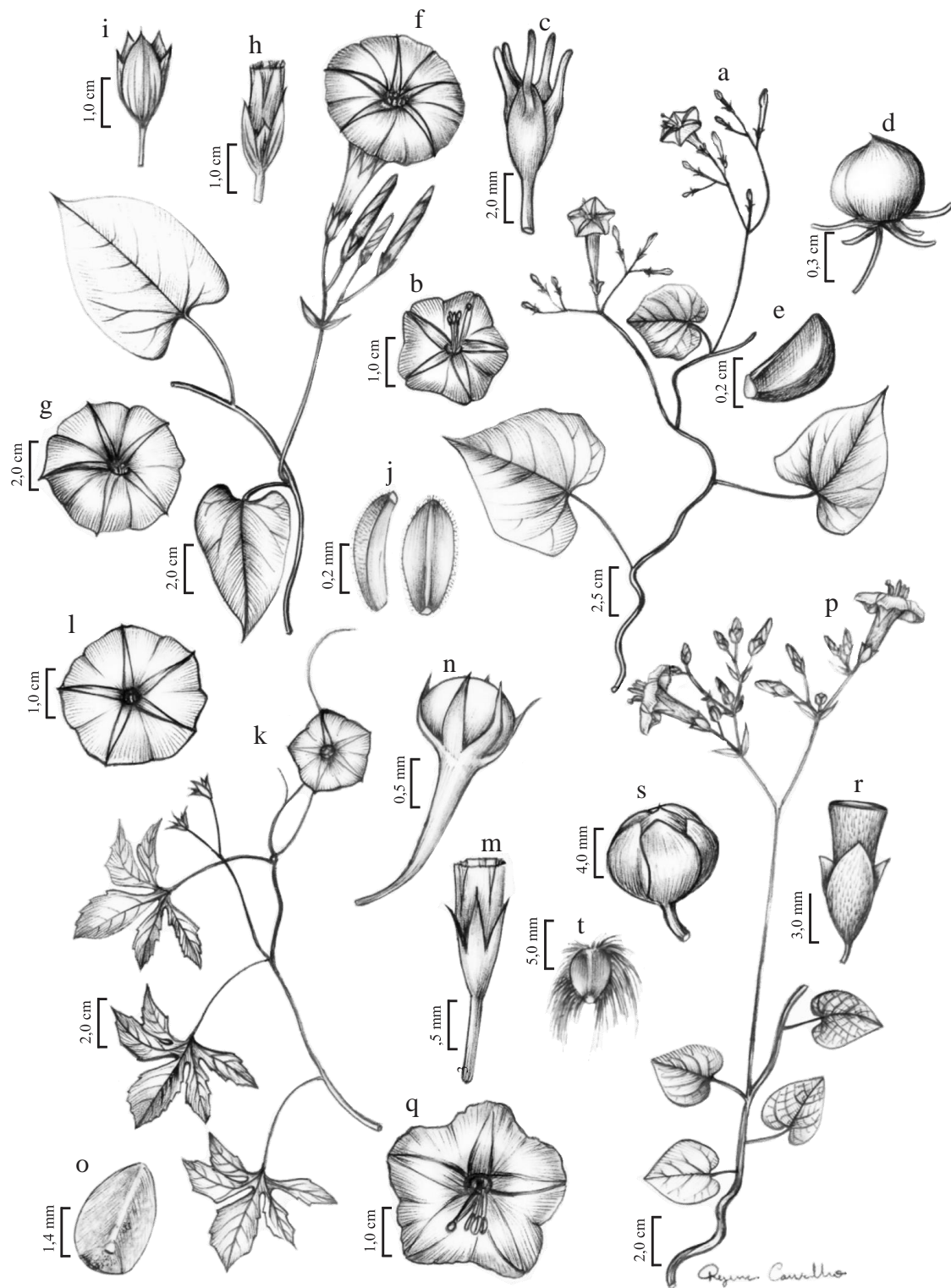


Figura 06. a-e *Ipomoea hederifolia* – a. ramo florífero; b. corola, vista frontal; c. cálice, vista lateral; d. fruto; e. semente. f-j. *Ipomoea incarnata* – f. ramo florífero; g. corola, vista frontal; h. cálice, vista lateral; i. fruto; j. semente.. k-o *Ipomoea longeramosa* – k. ramo florífero; l. corola, vista frontal; m. cálice, vista lateral; n. fruto; o. semente. p-t *Ipomoea marcellia* – p. ramo florífero; q. corola, vista frontal; r. cálice, vista lateral; s. fruto; t. semente.

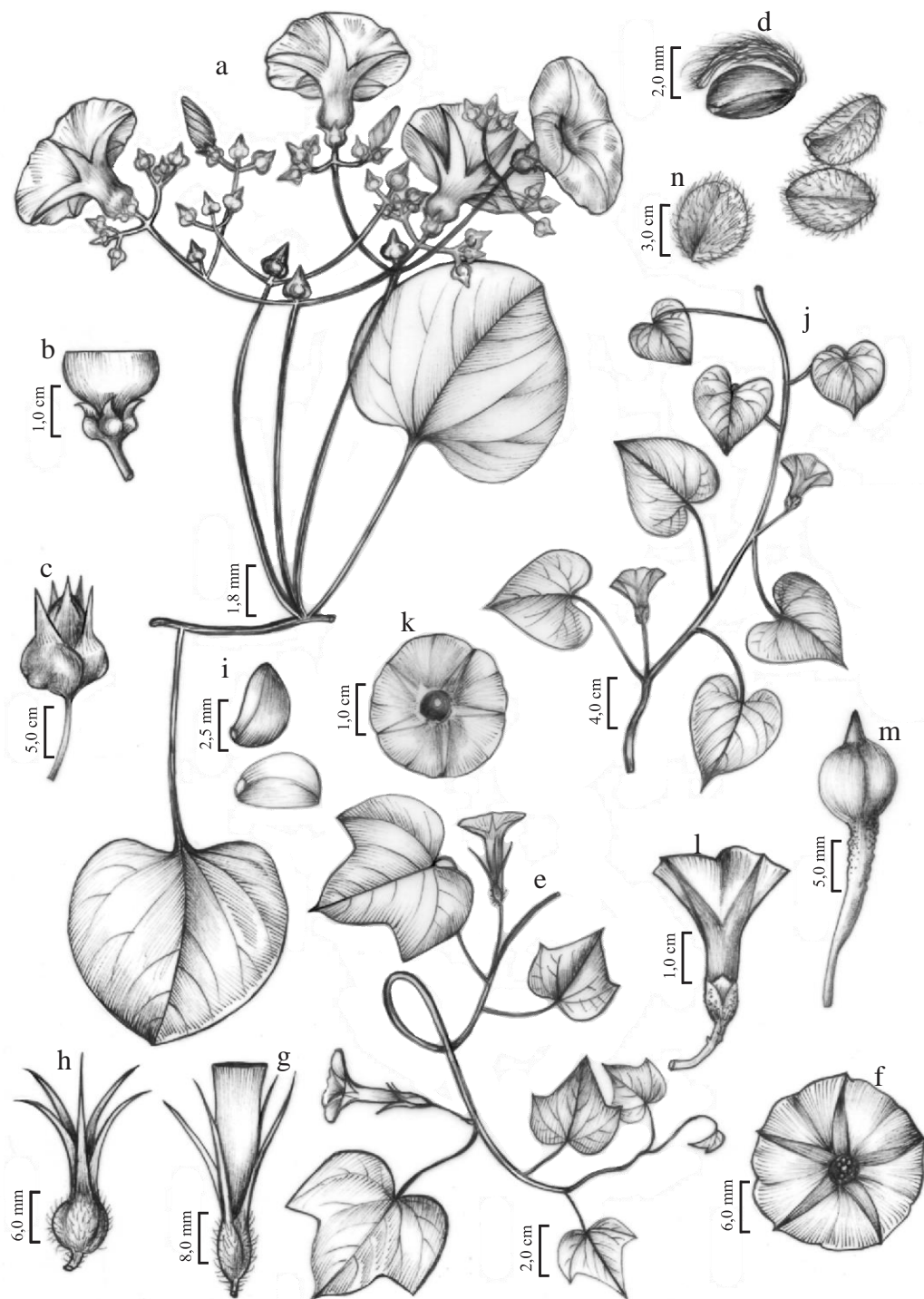


Figura 07. a-d. *Ipomoea megapotamica* – a. ramo florífero; b. cálise, vista lateral; c. fruto; d. semente. e-i *Ipomoea nil* – e. ramo florífero; f. corola, vista frontal; g. cálise, vista lateral; h. fruto; i. semente. j-n *Ipomoea piurensis* – j. ramo florífero; k. corola, vista frontal; l. cálise, vista lateral; m. fruto; n. semente.

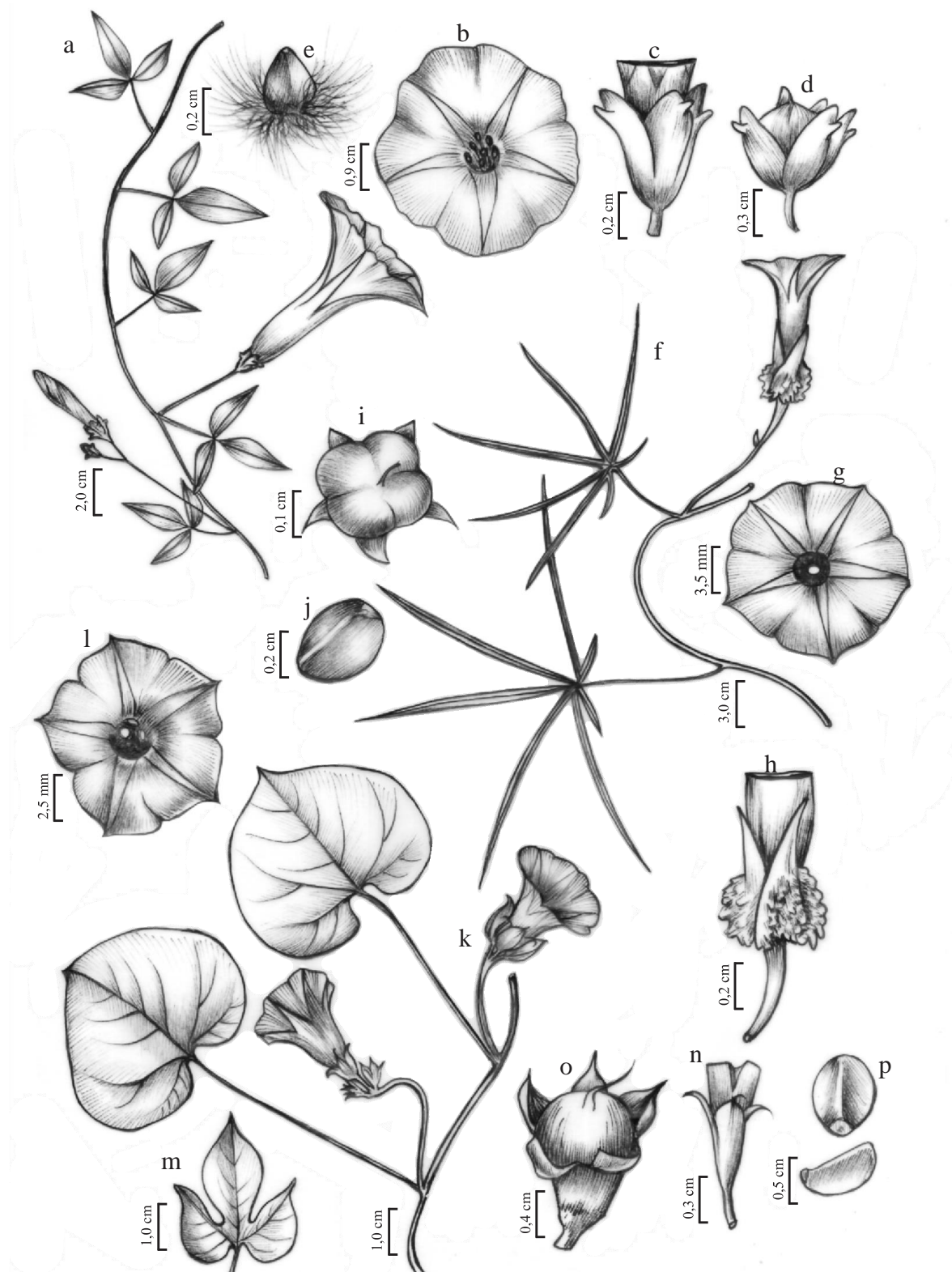


Figura 08. a-e. *Ipomoea rosea* – a. ramo florífero; b. corola, vista frontal; c. cálice, vista lateral; d. fruto; e. semente. f-h *Ipomoea tenera* – f. ramo florífero; g. corola, vista frontal; h. cálice, vista lateral; i. fruto; j. semente. k-p *Ipomoea triloba* – k. ramo florífero; l. corola, vista frontal; m. folha trilobada; n. cálice, vista lateral; o. fruto; p. semente.

5. CONCLUSÃO

Foi encontrado um elevado número de Convolvulaceae na área de estudo (29), sendo todas novos registros, já que não existe estudos taxonômicos específicos, inclusive *Ipomoea decipiens* é pela primeira vez registrada para Pernambuco. Os dados encontrados reforçam a relevância da diversidade vegetal do Pajeú e a necessidade de preservar, especialmente as florestas serranas. Essa região detém até o momento 13% das espécies de Convolvulaceae encontradas no Nordeste e 26% das espécies da família ocorrentes em Pernambuco.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 18, n. 1, p. 1-20, 2016.
- ARAÚJO FILHO, J. C. et al. Levantamento de reconhecimento de baixa e média intensidade dos solos do Estado de Pernambuco. **Embrapa Solos**, 2000.
- AUSTIN, D. F. Convolvulaceae. In: Smith, N.P.; Mori, S.A.; Henderson, A.; Stevenson, D. W. & Heald, S.V. (eds.). **Flowering plants of the Neotropics**. New York Botanical Garden, Princeton University Press, Princeton. Pp. 113-115. 2004.
- AUSTIN, D. F. Convolvulaceae; pp. 377-424. In: STEYERMARK, J.A.; BERRY, P.E. & HOLST, B.K. (Eds.). **Flora of the Venezuelan Guayana**, 4. Missouri Botanical Garden Press, Saint Louis. 1998.
- AUSTIN, D. F.; HUÁMAN, Z. A synopsis of *Ipomoea* (Convolvulaceae) in the Americas. **Taxon**, p. 3-38. 1996.
- BURIL, M. T.; ALVES, M. Flora da Usina São José, Igarassu, Pernambuco: Convolvulaceae. **Rodriguésia**, v. 62, n. 1, p. 93-105, 2011.
- BURIL, M. T. et al. Convolvulaceae do cariri paraibano, PB, Brasil. **Revista Nordestina de Biologia**, v. 21, n. 2, p. 3-26, 2013.
- CHAVES, D.P. 2009. Intoxicação experimental por *Ipomoea asarifolia* em ovinos: achados clínicos, laboratoriais e anatomopatológicos. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 82p.
- DELGADO, G; BURIL, M. T. & ALVES, M. Convolvulaceae do Parque Nacional do Catimbau, Pernambuco, Brasil. **Rodriguésia**, v. 65, n. 1, p. 261-278. 2014.
- FERRAZ, E. M. N. et al. Composição florística em trechos de vegetação de caatinga e brejo de altitude na região do Vale do Pajeú, Pernambuco. **Brazilian Journal of Botany**, v. 21, n. 1, p. 7-15, 1998.

JACOMINE, P K. T. et al. Levantamento exploratório-reconhecimento de solos do Estado de Pernambuco. **Embrapa Solos-Séries anteriores (INFOTECA-E)**, 1973.

JUDD, W. S.; CAMPBELL, C. S.; KELLOG, E. A. & STEVENS, P. F. 1999. *Plant Systematics: A phylogenetic approach*. Sinauer Associates, Sunderland.

JUNQUEIRA, M. E. R.; SIMÃO-BIANCHINI, R. O gênero *Evolvulus* L.(Convolvulaceae) no município de Morro do Chapéu, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 1, p. 152-172, 2006.

KÖPPEN, W. *Grundriss der klimakunde*. Berlin: W. Guyter, 1931. 390p.

LAWRENCE, G. H. M., 1951. **Taxonomy of Vascular Plants**. New York: Macmillan, p. 823.

MELO, A. L. et al. Parque Estadual Mata da Pimenteira: Riqueza Natural e Conservação da Caatinga. **Recife: Edufrpe**, p. 83-103, 2013.

MEISNER, C. F. Convolvulaceae. *In*: MARTIUS, C. F.P. & EICHLER, A. G. (eds.) *Flora brasiliensis*. F. Flischer, Lipsiae. V. 7, n. 1, p. 199-370, 1869.

Ministério do Meio Ambiente (MMA). 2002. *Biomass Brasileiros* Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomass/caatinga>. Acesso em: 06 de jan. 2019.

MOREIRA, H. J. C. & BRAGANÇA, H. B. N. *Manual de identificação de plantas infestantes*. FMC, São Paulo, v. 326, 2011.

MORI, A. S. et al. *Manual de manejo do herbário fanerogâmico*. Ilhéus, Centro de Pesquisa do Cacau, 1989.

NEPOMUCENO, S. C. et al. Convolvulaceae da Microrregião do Alto Capibaribe, PE, Brasil. **Hoehnea**, v. 43, n. 3, p. 371–386, 2016.

RADFORD, A.E. et al. 1974. **Vascular Plant Systematics**. Harper & Row Publishers, New York. 891p.

RHUI-CHENG, F. & STAPLES, G. Convolvulaceae. In: Wu, C.Y.; Hong, De-Y. & Raven, P.H. (eds.). *Flora of China*. Science Press, Missouri Botanical Garden Press, Beijing, St. Louis. v.16, p. 271-325, 1995.

SAMPAIO, E. V. S. B. Espécies da flora nordestina de importância econômica potencial. **Associação Plantas do Nordeste**, 2005.

SIMÃO-BIANCHINI, R. *Ipomoea* no Sudeste do Brasil. Tese de Doutorado. **Instituto de Botânica**, São Paulo. 476p. 1998.

SIMÃO-BIANCHINI, R.; FERREIRA, P.P.A. & PASTORE, M. **Convolvulaceae in lista de Espécie da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB93>. Acesso em 10 Mar. 2019.

SIMÃO-BIANCHINI, R.; PIRANI, J. R. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Convolvulaceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo**, p. 125-149, 1997.

SIMPSON, M. G. Plant systematic: Plant Morphology. **Elsevier Academic press**, p. 347–403 p. 2006.

SOUZA, V. & LORENZI, H. Botânica Sistemática. Guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APGIII. **Nova odessa, SP. Instituto Plantareum**, 2012.

STAPLES, G. W. & BRUMMITT, R. K. 2007. Convolvulaceae. In: Heywood, V. H.; Brummitt, R. K.; Culham, A. & Seberg, O. (eds.). *Flowering plant families of the world*. Royal Botanic Gardens, **Kew**. p. 108-110.

STEFANOVIĆ, S. et al. Classification of Convolvulaceae: a phylogenetic approachment. **Systematic Botany**, v. 28, p. 797-806, 2003.

STEFANOVIĆ, S.; KRUEGER, L. & OLMSTEAD, R. G. Monophyly of the Convolvulaceae and circumscription of their major lineages based on DNA sequences of multiple chloroplast loci. **American Journal of Botany** v. 89, p. 1510-1522, 2002.

STEVENS, P. F. (2001 onwards). **Angiosperm Phylogeny Website**. Version 14, July 2017 [and more or less continuously updated since]. Disponível em <http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>. Acesso em 10. Mar. 2019.

VERSLYPE, N. I. et al. Microrregião Pajeú: economia, clima e desenvolvimento da agricultura através de modelo digital do terreno. **Revista Geama**, v. 1, n. 1, p. 16-30, 2015.